

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
NATÁLIA FERNANDES LIGÓRIO**

**A IMAGEM DA MULHER NO CHEERLEADING: UMA PESQUISA DESCRITIVA  
SOBRE A OPINIÃO DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO**

Goiânia



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES  
ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO  
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)**

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Natália Fernandes Ligório

Título do trabalho: A imagem da mulher no cheerleading: uma pesquisa descritiva sobre a opinião de jovens do ensino médio

**2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>**

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

**Casos de embargo:**

- Solicitação de registro de patente;

- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Valleria Araujo de Oliveira Alarcon, Chefa**, em 06/09/2022, às 15:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **NATÁLIA FERNANDES LIGÓRIO, Discente**, em 12/09/2022, às 18:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orga\\_o\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orga_o_acesso_externo=0), informando o código verificador **3156483** e o código CRC **CE62419A**.

**NATÁLIA FERNANDES LIGÓRIO**

**A IMAGEM DA MULHER NO CHEERLEADING: UMA PESQUISA DESCRITIVA  
SOBRE A OPINIÃO DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO**

Monografia submetida à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Graduação em Educação Física Licenciatura.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup> Dra. Valleria Oliveira.

Goiânia

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**A IMAGEM DA MULHER NO CHEERLEADING: UMA PESQUISA DESCRITIVA  
SOBRE A OPINIÃO DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho apresentado para obtenção  
do título de Licenciada em Educação  
Física pela Universidade Federal de  
Goiás, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dra.  
Valleria Oliveira.

Goiânia, agosto de 2022.

---

Prof/a. (orientador/a)

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Ligório , Natália Fernandes

A imagem da mulher no cheerleading [manuscrito] :  
uma pesquisadescritiva sobre a opinião de jovens no  
ensino médio / Natália Fernandes Ligório . - 2022.

XXXVI, 36 f.

Orientador: Prof. Valleria Araújo de Oliveira .

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação  
Física e Dança (FEFD), Educação Física, Goiânia,  
2022.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui siglas, gráfico, tabelas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

#### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data de **01/09/2022**, às **14 horas**, de forma **virtual**, por meio de **videoconferência via Google Meet**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **“A imagem da mulher no cheerleading: uma pesquisa descritiva sobre a opinião de jovens do ensino médio”**, de autoria de **Natália Fernandes Ligório**, do curso de **Educação Física - Licenciatura**, da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG. Os trabalhos foram instalados pela **Profa. Dra. Valleria Araujo de Oliveira Alarcon - orientadora CEPAE/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Profa. Dra. Aline da Silva Nicolino - FEFD/UFG** e **Profa. Dra. Fernanda Cruvinel Pimentel - CEPAE/UFG**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **9,5 (nove vírgula cinco)**, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



---

Documento assinado eletronicamente por **Valleria Araujo de Oliveira Alarcon, Chefa**, em 06/09/2022, às 15:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



---

Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Cruvinel Pimentel, Professor do Magistério Superior**, em 08/09/2022, às 09:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



---

Documento assinado eletronicamente por **Aline Da Silva Nicolino, Professor do Magistério Superior**, em 15/09/2022, às 09:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3156481** e o código CRC **A0327EEB**.

---

---



Este trabalho é dedicado a Deus, aos meus pais, meu time Sealand,  
meus treinadores e aos meus amigos e amigas.

## **DEDICATÓRIA**

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por me acompanhar em toda minha trajetória até aqui, por estar presente em minhas dificuldades e aprendizados. Aos meus pais por apoiarem e possibilitarem o acesso ao melhor ensino possível, acreditando e torcendo por mim nos meus 23 anos de vida. Ao meu time, Sealand, por possibilitar a vivência do esporte que amo. Aos meus treinadores Igor e Ellen, por contribuírem para minha formação tanto como atleta quanto pessoal. Aos meus amigos e amigas por não desistirem de mim, me incentivando a lutar pelos meus sonhos apesar das adversidades.

Todas as pessoas aqui citadas foram fundamentais para a construção deste trabalho e para minha formação pessoal e como profissional da Licenciatura em Educação Física.

## RESUMO

**Resumo:** O *cheerleading* é um esporte em expansão no Brasil e que envolve algumas problemáticas sociais, culturais e históricas, dentre elas estão os estereótipos trazidos pela mídia em relação à imagem da mulher praticante do esporte. Sendo assim, o presente trabalho teve como objetivo conhecer a visão de estudantes do terceiro ano do ensino médio do CEPAE-UFG (Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação) a respeito da imagem da mulher no *cheerleading* por meio da aplicação de um questionário e da realização de uma análise qualitativa. Como resultado da pesquisa identificamos que a percepção da/os jovens sobre a imagem da mulher na modalidade em análise é um reflexo do conteúdo disponibilizado através dos meios midiáticos. Com isso, percebemos a importância da EF (Educação Física) escolar no processo de formação de estudantes críticos, que se distanciam de uma visão limitada pela imprensa, que é historicamente moldada por ideais machistas que desvalorizam a participação de mulheres nos esportes.

**Palavras-chaves:** Mulher; Estereótipo; *Cheerleading*, Mídia, Educação Física.

**Abstract:** Cheerleading is an expanding sport in Brazil that involves some social, cultural and historical issues, among them are the stereotypes brought by the media in relation to the image of women practicing the sport. Therefore, the present objective was to know the view of third year high school students from CEPAE-UFG (Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação) regarding the image of women in cheerleading through the application of a student and the carrying out a qualitative analysis. As a result of the research, we identified the perception of young people about the image of women in the modality under analysis is a reflection of the content made available through the media. With that, students, education for the importance of PE, which is historically shaped by the physical vision of limited women, which is historically shaped by the physical vision of sports.

**Keywords:** Woman; Stereotype; Cheerleading, Media, Physical Education.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CNE – Conselho Nacional do Esporte

COB – Comitê Olímpico Brasileiro

COI – Comitê Olímpico Internacional

CEPAE – Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

EF – Educação Física

ICU – União Internacional de Cheerleading

UBC – União Brasileira de Cheerleading

UFG – Universidade Federal de Goiás

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 Conhecendo os (as) participantes.....</b>	<b>11</b>
<b>3. ESPORTE OU ANIMAÇÃO DE TORCIDA?.....</b>	<b>12</b>
<b>4. QUESTÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE.....</b>	<b>15</b>
<b>4.1 Estereótipos no Cheerleading.....</b>	<b>15</b>
<b>4.2 Relações de gênero, machismo e o movimento feminista.....</b>	<b>19</b>
<b>4.3 Vestimentas.....</b>	<b>21</b>
<b>5. MÍDIA.....</b>	<b>25</b>
<b>6. QUAL O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA?.....</b>	<b>28</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>32</b>
<b>8. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>33</b>
<b>9. APÊNDICE (QUESTIONÁRIO) .....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema para a elaboração deste texto surgiu a partir da percepção da evidente sexualização da mulher em filmes e séries que abordam o *cheerleading* em seus roteiros. Partindo desse contexto, que há uma falta de informação e/ou validação do esporte no Brasil e no mundo e que um dos meios para a divulgação da prática se dá pelos meios midiáticos, parto do pressuposto que há uma divulgação de visão distorcida do esporte por indivíduos leigos no assunto, contribuindo assim para a perpetuação do preconceito e do machismo, por ser muitas vezes associados à prática. Segundo Tokarski (2017), o *cheerleading* é um esporte reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), como uma sincronização da equipe, exigindo que cada indivíduo execute sua função em prol de um todo, a partir de elementos que envolvem força, flexibilidade e controle corporal.

Outro fator que vale mencionar é a diferença entre os tipos de *cheerleading* que são geralmente desconsiderados. Nos filmes e séries é apresentado, na maioria das vezes, o Cheerleading escolar que pode ser de caráter competitivo ou estar associado à torcida por outros esportes (sendo assim conhecido como sideline cheer); a categoria conhecida como all-star conta com equipes que representam o próprio ginásio em competições e não são associadas a instituições escolares; temos ainda o *cheerleading* universitário, no qual os atletas representam suas universidades em competições, além do uso do sideline em jogos de outras modalidades esportivas.

Por se tratar de um esporte relativamente novo no país, tendo surgido oficialmente em território nacional no ano de 2008 segundo a União Brasileira de Cheerleading (UBC), é comum que haja certa falta de informação a respeito do mesmo por parte da população brasileira em sua maioria. Além disso, o acesso a informações sobre o assunto costuma limitar-se à mídia (filmes e séries norte-americanas), que está ao alcance da “grande massa” e que, muitas vezes, traz a prática esportiva de forma distorcida.

Outra questão importante a ser destacada é o conceito “gênero” que será adotado neste trabalho para a interpretação das informações. Recorro a definição apresentada por Joan Scott (1995), por mostrar que gênero está diretamente relacionado a uma estruturação social baseada em determinações a respeito do papel desempenhado pelos homens e pelas mulheres. Cabral (2018) afirma que o conceito de gênero traz uma desconstrução das atribuições historicamente adequadas às mulheres ou aos homens.

Dentre os fatores que influenciaram na escolha desse tema estão a ligação pessoal direta com a área temática, por ser atleta de *cheerleading* desde 2017, e a falta de produções acadêmicas e estudos a respeito. Acredito que o fato de que se trata de um esporte que não é popularizado no Brasil contribui para a escassez de textos sobre o assunto. Apesar desses fatores, o *cheerleading* vem crescendo de forma gradativa no país, principalmente no ambiente universitário. Em Goiás, o primeiro time de caráter competitivo (Sealand Cheer) foi criado em 2017 e fez sua primeira aparição nas competições no Brasil representando a Universidade Federal de Goiás (UFG) em 2018 no Campeonato Brasileiro de Cheerleading, trazendo a vitória para o estado em sua primeira competição.

Essa participação e conquista reafirmam a importância da produção textual nessa área temática. Cabe também ressaltar o crescimento de uma nova possibilidade de lazer e contribuição cultural no processo de ensino e aprendizagem dos ambientes escolares e universitários, sendo assim uma importante ferramenta de socialização por se tratar de uma prática coletiva na qual um indivíduo depende do outro para que possa realizar sua tarefa no time. Dessa forma são repassados valores como o respeito, a cooperação e a luta contra o preconceito (por se tratar de um esporte carregado de estereótipos e preconceitos sob a visão dos leigos no assunto, mas que, ao contrário do que muitos pensam, carrega a bandeira da inclusão).

Além disso, se faz necessária a desconstrução da imagem sexualizada da mulher no *cheerleading*, imagem esta que é constantemente representada pelos veículos midiáticos de forma pejorativa, exemplo disso é a sequência de filmes norte americana intitulada “As apimentadas”. Os filmes da série em questão possuem o esporte citado em seu roteiro e retratam o ambiente esportivo de forma dramática, sexualizando a imagem feminina através dos uniformes e reforçando uma competitividade excessiva entre as mulheres.

A produção deste trabalho, objetiva conhecer a visão da sociedade a respeito do *cheerleading* e da mulher na modalidade, no sentido de identificar e analisar as questões de gênero e sexualidade que a constitui. O esporte em análise foi historicamente rodeado por questões, estigmas e preconceitos a respeito de seus praticantes a partir do momento em que os homens, que inicialmente dominavam a prática, foram para Primeira Guerra e o *cheerleading* passou a ser praticado por mulheres. Com isso houve o surgimento de várias questões na área que serão discutidas neste trabalho, dentre elas está o reforço de estereótipos como o fato de que se trata de um esporte exclusivamente do gênero ‘feminino’, sexualizado, destinado a torcidas de outras modalidades esportivas, relacionado diretamente à sexualidade das pessoas praticantes. Para identificar a opinião das pessoas sobre o esporte, foi elaborado

um formulário de 10 questões na plataforma “Google Forms”, respondido de forma anônima e voluntária por estudantes do terceiro ano do Ensino Médio do CEPAE-UFG.

A partir disso, buscando abordar as temáticas propostas da melhor forma, este trabalho foi dividido em alguns capítulos e subcapítulos, são eles: 4) metodologia- traz uma contextualização de como foi realizada a pesquisa para a realização deste trabalho; 4.1) conhecendo as/os participantes- subdivisão da metodologia, visa apresentar de forma breve características da/os estudantes respondentes do formulário; 5) esporte ou animação de torcida?- busca evidenciar as discussões acerca do reconhecimento do *cheerleading* como modalidade esportiva; 6) questões de gênero e sexualidade- dividido em 3 subtópicos; 6.1) estereótipos no Cheerleading – apresenta o significado de estereótipo, contextualizando suas discussões acerca da temática esportiva; 6.2) relações de gênero, machismo e os movimentos feministas – faz uma relação entre as questões de gênero, contextualizando conceitos como o machismo e o movimento feminista; 6.3) vestimentas – aborda a relação do vestuário utilizado para a prática esportiva com as relações de gênero; 7) mídia – ressalta a importância da mídia a partir de dados que comprovam sua grande influência no meio esportivo; 8) qual o papel da Educação Física? – esse capítulo busca destacar a importância da disciplina voltada para o ensino dos conteúdos da cultura corporal, fazendo uma inserção da temática esportiva abordada neste trabalho monográfico.

Os referenciais bibliográficos utilizados como base teórica foram selecionados de forma a contemplar as áreas temáticas e as discussões propostas. Assim, foram utilizadas referências de autora/es com contribuições relevantes para a elaboração deste trabalho, como: Fabiano Pires Devede, Coletivo de Autores, Carmem Lúcia Soares e Manoel Tubino.



## 2 METODOLOGIA

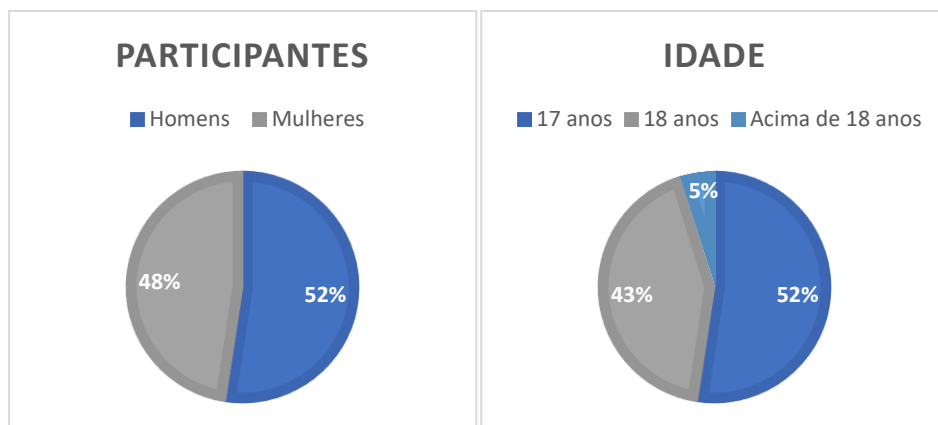
O formulário usado para a realização deste trabalho possuiu 10 questões, sendo 3 objetivas e 7 discursivas e foi aplicado em uma comunidade amostral (estudantes do terceiro ano do Ensino Médio do CEPAE-UFG), por meio da plataforma “Google Forms”. Tal ferramenta foi escolhida devido à maior facilidade de acesso ao questionário por parte da/os aluna/os no contexto pandêmico atual, no qual se insere a modalidade de ensino remoto. O link para acessar o formulário foi disponibilizado via e-mail para 65 estudantes, mas apenas 21 responderam. O formulário ficou disponível durante três semanas.

A seleção das perguntas utilizadas teve como critério a relevância para a análise dos objetivos do trabalho, sendo inclusos a faixa etária e o gênero da/os participantes e as principais temáticas abordadas. Além disso, houve um cuidado para que fosse simples e compreensível, facilitando a interpretação da/os aluna/os. A partir das respostas obtidas, foi realizada uma análise qualitativa a respeito da visão da/os respondentes sobre a modalidade “*cheerleading*” e suas questões de gênero, embasada por uma contextualização sócio-histórica.

### 2.1 Conhecendo as/os participantes

As duas primeiras questões do formulário aplicado tiveram como objetivo a identificação do perfil das pessoas participantes de forma objetiva. Se tratou de perguntas sobre o sexo e a idade das alunas e alunos, de modo a verificar qual seria o público amostral da pesquisa. Foram 11 homens respondentes e 10 mulheres, quanto às idades, foram onze pessoas de 17 anos, nove de 18 anos e uma acima de 18 anos. A porcentagem das respostas obtidas pode ser observada nos seguintes gráficos:

Figura 1 – Gráfico de participantes



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

### 3 ESPORTE OU ANIMAÇÃO DE TORCIDA?

Com o objetivo de conhecer a percepção geral da/os jovens a respeito do *cheerleading*, no sentido de situar a pesquisa sobre a prática em questão as/aos estudantes do terceiro ano do ensino médio do CEPAE- UFG, perguntou-se: “O que vem a sua cabeça quando escuta os termos “*cheerleading*” e “líder de torcida”? Dentre as 21 respostas recebidas, a animação de torcida ou de um time foi citada por 16 participantes, sendo 8 homens e 8 mulheres. Na mesma questão, 6 respondentes trouxeram termos relacionados a esporte, competição ou ginástica (3 mulheres e 3 homens).

As discussões que permeiam as práticas corporais por muitas vezes convergem ao ponto do que é ou não considerado esporte. A busca das mais diversas modalidades por sua inclusão como prática esportiva leva à criação de instituições que regulamentam competições, criam regras e mediam as práticas. Mas afinal, qual seria a importância desse reconhecimento? Segundo Tubino (2010), o esporte tem aumentado o número de adeptos, a ciência do esporte vem sendo ampliada através de debates e do espaço que ocupa na mídia. Desse modo não é possível distanciar a história do esporte de um âmbito sócio-cultural, fato que pode ser visto nas seguintes citações:

O esporte, como um dos mais importantes fenômenos sócio-culturais desta transição de séculos, tem merecido da intelectualidade e da mídia internacional uma atenção especial, que tem permitido aprofundamentos políticos, sociais, culturais, educacionais, científicos e antropológicos. Esses estudos vão, pouco a pouco, inserindo, de forma consolidada, fatos esportivos na contemporaneidade, fazendo com que o esporte cada vez mais se torne uma das prioridades das diversas sociedades do mundo atual. (Tubino, 2010, p.17).

Considerando a história do *cheerleading*, não seria possível desvincular os aspectos sociais e culturais que permeiam sua existência no decorrer dos anos. O termo em inglês “Cheerleading” é muitas vezes traduzido como “animação de torcida” para facilitar a compreensão do público brasileiro que ainda não conhece a modalidade. Essa tradução também é muito utilizada em filmes, séries e nas diversas produções midiáticas que retratam essa prática. O uso do termo traduzido tem influência direta na interpretação contextual do *cheerleading*, sendo facilmente ligado à animação e entretenimento de uma torcida durante alguma modalidade esportiva como o futebol, o basquete ou o futebol americano.

O *cheerleading* surgiu no ano de 1880 com um grupo de estudantes que decidiu apoiar sua equipe de futebol na universidade de Princeton nos Estados Unidos, inicialmente o grupo era composto exclusivamente por homens, mas com a chegada da Primeira Guerra Mundial as

mulheres passaram a ocupar espaço significativo na modalidade. Com o passar dos anos, o *cheerleading* foi se desenvolvendo e foram criados órgãos como a UBC (União Brasileira de Cheerleading) e o ICU (União Internacional de Cheerleading) - recentemente reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional. Atualmente existem várias competições pelo mundo, no Brasil elas acontecem a nível estadual e nacional, além da existência de uma seleção que representa o país anualmente no campeonato mundial. A prática se divide em 7 níveis, sendo o nível 1 o mais básico e o nível 7 o mais avançado. No ano de 2021 ocorreu a primeira competição entre times de nível 5, até então o nível mais alto atingido por uma categoria coletiva de *cheerleading* no Brasil; A disputa ocorreu no campeonato “Arena Cheer” em Volta Redonda-RJ e contou com a participação de duas equipes. Com isso o nível da prática é cada vez mais elevado no país e vem conquistando vários adeptos a cada ano, apesar das proporções que vêm sendo alcançadas, o esporte ainda sofre com a falta de incentivo, infraestrutura e reconhecimento. Prova disso pode ser vista no estudo feito por Letícia Mendes Borges (2019), no qual foram analisados os fatores motivacionais dos (as) atletas de *cheerleading* na Universidade Federal de Uberlândia. A partir da análise de um questionário, a autora concluiu que a infraestrutura e a falta de apoio e reconhecimento ao esporte por parte da instituição são fatores que dificultam a prática. Por contar com acrobacias que envolvem muitos giros e lançamentos no ar, é necessário o uso de equipamentos adequados para proporcionar segurança aos atletas, os tatames são itens indispensáveis para evitar acidentes graves em caso de quedas, realizando um amortecimento para a prevenção de lesões.

No Brasil, o fato de que o esporte ainda estar se consolidando, evidencia algumas dificuldades estruturais nesse processo. Segundo Nascimento e Ataliba (2019), o *cheerleading* não é reconhecido como outros esportes, em paralelo a isso, com base na pesquisa realizada por Borges (2019), há uma escassez de profissionais qualificada/os para trabalhar com a modalidade. É comum a existência de equipes que atuam sem uma orientação adequada para garantir sua segurança, apesar de se tratar de uma prática complexa, que exige técnica e uma estrutura de segurança.

A modalidade está em expansão no Brasil e no mundo e conta com uma composição coreográfica complexa envolvendo movimentos acrobáticos, elevações, pirâmides, dança e saltos. Assim como várias práticas esportivas, o *cheerleading* competitivo exige um preparo físico específico conquistado através do treinamento, independente do sexo dos indivíduos praticantes. Homens e mulheres podem desempenhar papéis semelhantes sendo flyer (pessoa que é levantada), base (responsável por levantar o/a flyer) ou tumbler (desenvolve as

habilidades acrobáticas na superfície de apresentação). Por se tratar de uma modalidade coletiva, o papel de cada pessoa é sempre ressaltado, de forma que o esporte abrange pessoas de diversos tipos de corpos e habilidades.

É importante ressaltar que o *cheerleading* se divide em: competitivo, no qual as equipes e/ou indivíduos se enfrentam em diversas categorias e níveis; e sideline, em que os praticantes ocupam a lateral de um campo ou quadra durante o jogo de alguma modalidade esportiva e são responsáveis pela animação da torcida (também pode ocorrer durante os intervalos). Por esse motivo, as duas formas são muitas vezes confundidas por parte dos não praticantes por responderem pelo mesmo nome.

No ano de 2008 foi criada a União Brasileira de Cheerleading (UBC), ali também são datados os primeiros registros do *cheerleading* no país. A instituição é responsável por regulamentar e promover a expansão do esporte em território nacional, além de incentivar e viabilizar a participação e crescimento do país no contexto mundial da modalidade. A UBC é encarregada também da organização da seleção brasileira de *cheerleading* (Team Brazil) que, a partir do ano de 2015 compete anualmente no campeonato mundial organizado pela *International Cheer Union*, e vem evidenciando sua constante evolução. Em 2019, o Team Brazil conquistou uma posição surpreendente em duas das categorias que participou. A equipe da categoria *all girl* (formada por mulheres) se classificou para a final e alcançou o décimo lugar e a equipe *team cheer* (mista) também foi classificada e alcançou o quarto lugar. Apesar dos feitos anteriormente relatados, a UBC ainda não é reconhecida por importantes órgãos esportivos do país como o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e o Conselho Nacional do Esporte (CNE).

## 4 QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

### 4.1 Estereótipos no Cheerleading

A partir dos objetivos deste trabalho (identificar e analisar a visão dos jovens em relação à imagem da mulher no *cheerleading*), as questões do formulário proposto foram elaboradas de forma a conseguir trazer uma análise da temática escolhida. Na pergunta de número 3, visando entender o conhecimento básico dos jovens a respeito da modalidade em questão, seus significados e possíveis contextos conhecidos pelos alunos, foi feito o seguinte questionamento: “O que vem a sua cabeça quando escuta os termos “*cheerleading*” e “líder de torcida”?”. Dentre as respostas mais frequentes foi citada a animação de uma torcida ou de um time (15 vezes), evidenciando a associação da prática ao ato de animar a torcida de algum outro esporte ou prática. Também com um número considerável de respostas, o fato de que a modalidade seria exclusivamente do gênero ‘feminino’ chamou minha atenção aparecendo 8 vezes, assim como a expectativa de que se tratasse de um tipo de dança. Por fim, 5 respondentes relacionaram os termos à ginástica, 2 a algum tipo de competição ou esporte competitivo e os uniformes e adereços foram citados apenas uma vez, como pode ser visto na tabela a seguir:

**Tabela 1 – TERMOS ASSOCIADOS AO CHEERLEADING**

TERMO ASSOCIADO AO CHEERLEADING	QUANTIDADE DE VEZES QUE FOI UTILIZADO
Ginástica	5
Animar torcida/torcer	15
Grupo de mulheres	8
Uniformes e pompons	1
Dança	8
Esporte/competição	2

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

O processo histórico do *cheerleading* até os dias atuais resultou em uma imagem do esporte carregada de fatores culturais e sociais. Como foi citado no capítulo anterior, em sua origem, a prática era majoritariamente ocupada por homens e devido a um acontecimento histórico, cedeu espaço às mulheres. Atualmente, a modalidade não possui restrição de sexo e/ou gênero, mas existem fatores implícitos como as diferenças nas vestimentas de homens e mulheres que implicam em diferentes sentidos dados a elas, como a sexualização das mulheres por meio dos uniformes, além das funções nas quais as mulheres normalmente ocupam posições em que são levantadas pelos homens nas equipes mistas. Quanto à organização estrutural das competições, a modalidade conta com uma diferenciação em

relação a categorias, sendo elas: equipes exclusivamente compostas por mulheres, equipes compostas por homens e equipes mistas.

Por séculos, mulheres e homens foram divididos por uma construção histórico-social firmada em conceitos patriarcais e trazendo as características fisiológicas como uma justificativa. Segundo essa concepção, os homens seriam considerados mais fortes, resistentes, responsáveis pelo sustento da casa e de sua família; por outro lado, as mulheres são vistas como “sexo frágil”, sendo delicadas e responsáveis pela organização e limpeza dos lares, assim como pelo cuidado dos filhos. Esse pensamento, apesar de passar por transformações - nas quais vários estereótipos podem ser desmistificados- no decorrer dos anos, ainda se faz presente e pode ser percebido também no âmbito esportivo. A diferenciação de esportes considerados “femininos” ou “masculinos” prova a influência dessa mentalidade ainda atualmente, como podemos ver no seguinte trecho:

No esporte, por exemplo, há estereótipos ainda comuns na prática de algumas modalidades, como é o caso do futebol, da dança, do boxe, do levantamento de peso. Em muitas sociedades, porém, a participação feminina no esporte se modifica, considerando-se suas tradições, sua religião, sua cultura e seus costumes. (DEVIDE, 2005, p.29).

Para compreender as relações dos termos utilizados neste trabalho, a abordagem do conceito de estereótipo é fundamental. Trata-se de uma construção social de características de um grupo específico, que se estrutura de forma cognitiva, dependendo diretamente da associação das vivências de um indivíduo. (Markus, 1977; Markus, Crane, Bernstein e Siladi, 1982).

Seguindo esse eixo temático, a pergunta de número 7 do questionário usado para a criação deste texto foi adicionada com o objetivo de compreender a visão dos alunos sobre os perfis e estereótipos dos praticantes de *cheerleading*. Essa questão pediu que o perfil dos *cheerleaders* (pessoas que praticam o *cheerleading*) fosse descrito com base no que os alunos respondentes conheciam. Um respondente afirmou ter presenciado uma apresentação de uma equipe da Universidade Federal de Goiás na qual “tinha gente com todo tipo de corpo”, possibilitando assim, uma melhor representatividade no *cheerleading*. Termos relacionados a habilidades atléticas, como “força”, “equilíbrio” e “flexibilidade”, também foram citados em 7 respostas.

Em relação a características de personalidade e relações interpessoais, 6 estudantes trouxeram termos como “popularidade”, “alegria” e “extrovertidos” para descrever os praticantes. As vestimentas utilizadas foram citadas 3 vezes, destacando o fato de que são curtas e coloridas. Por fim, em 7 respostas, surgiram termos que associam a modalidade a

algo exclusivamente “feminino” (sendo 1 resposta relacionada a mulheres de pele branca) e 9, relacionando os/as líderes de torcida a um corpo magro e atlético, que segue um padrão imposto pela mídia. Segundo Cabral (2018), o conceito de beleza vem de uma construção social que controla os corpos estabelecendo relações de poder. Para Barreto (2016), a padronização do que seria considerado “ideal” e a objetificação arbitrária seria uma forma de dominação do corpo das mulheres. Vigarello (2006) traz o fato de que o ideal de perfeição física sofreu transformações do período renascentista até a atualidade. A partir disso, Pinto (2019), ressalta que apesar dessas alterações, nas últimas quatro décadas houve uma preferência pelo corpo magro. No meio esportivo, Goellner (2007) ressalta que mídia traz as habilidades atléticas das mulheres em um segundo plano, sendo a beleza física sempre um destaque nas reportagens, desconsiderando o esforço e tempo investidos nos treinamentos. Por isso, ao se referir à adequação a esses padrões impostos, Oliveira e Aurélio (2018) afirmam que “a questão está intimamente ligada ao ego e à necessidade de pertencer a algo que julgam importante” (Oliveira e Aurélio, 2018, p.2). A tabela a seguir traz uma relação dos termos utilizados nas respostas dessa questão e da quantidade de vezes que eles apareceram:

**Tabela 2 – TERMOS USADOS PARA DESCREVER OS PRATICANTES DE CHEERLEADING**

<b>TERMOS USADOS PARA DESCREVER O PERFIL DOS PRATICANTES DE CHEERLEADING</b>	<b>QUANTIDADE DE VEZES QUE FOI UTILIZADO</b>
Mulheres	7
Mulheres brancas	1
Popularidade, extrovertidos	6
Roupas curtas	3
Força, equilíbrio, flexibilidade	7
Corpo magro, “padrão”	7
Diferentes biótipos	1
Corpo atlético	2

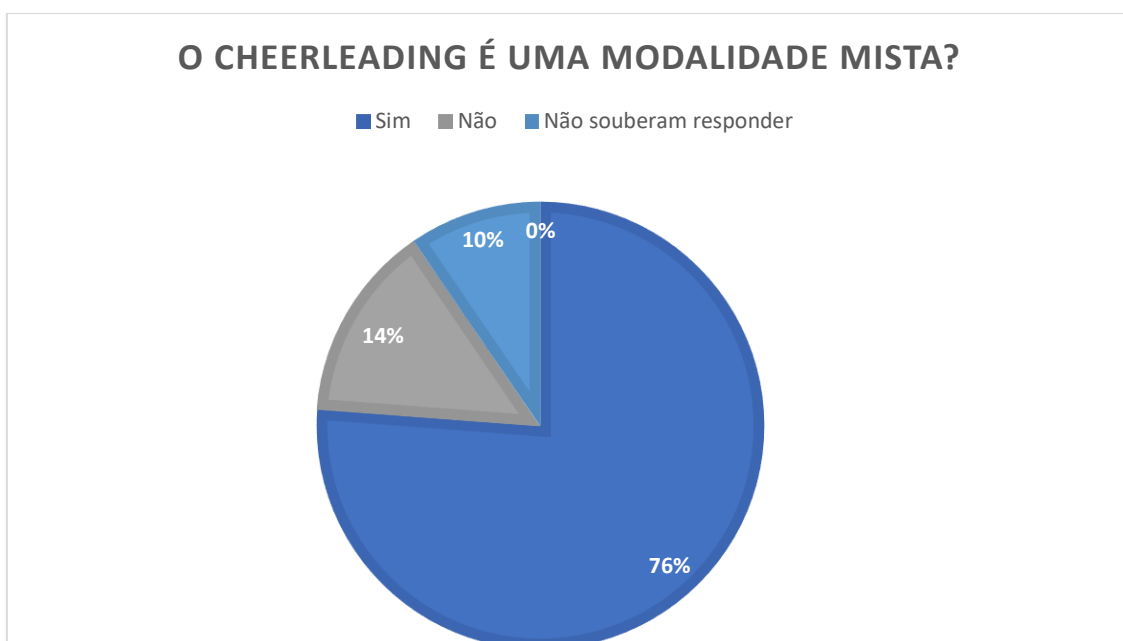
Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Através do questionário em questão, é reforçado um papel de destaque às mulheres no *cheerleading*. É comum a falta de conhecimento de pessoas que são alheias à modalidade quanto a suas características, nesse caso, as que se relacionam com a temática a um suposto gênero “feminino”. O fato de que os homens também ocupam espaço nesse esporte é muitas vezes desconhecido, o que gera uma associação da prática com características consideradas femininas, a ginástica e a dança. Daí, surge o preconceito – que segundo Picazio (1999) é um

juízo prévio não baseado em experiências da realidade – ligando os homens praticantes do *cheerleading* a atributos femininos.

Para identificar se as/os jovens acreditam que a modalidade em análise possui alguma limitação específica quanto ao gênero da/os praticantes, a questão número 9 foi a seguinte: “Você acredita que o *cheerleading* se trata de uma modalidade mista (praticada por homens e mulheres)?”. Nas respostas, 16 pessoas afirmaram que é misto, podendo ser praticado sem limitações quanto aos sexos; 3 respondentes escreveram que não é misto, sendo praticado apenas por mulheres, as/os demais participantes (2) não souberam responder.

Figura 2 – CHEERLEADING É UMA MODALIDADE MISTA?



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A partir disso, é possível perceber que entre as/os aluna/os, há uma predominância da opinião de que o *cheerleading* é uma modalidade que pode ser praticada por mulheres e homens. Por outro lado, a aparição de algumas respostas que afirmam a unanimidade das mulheres no esporte é um reflexo dos meios de acesso das pessoas em relação a esse conteúdo, visto que se trata de uma prática nova no Brasil e que o contato com ela se dá na maioria das vezes por meio de plataformas midiáticas (filmes e séries), que muitas vezes retratam os cheerleaders de uma maneira estereotipada. Com base nisso, pessoas que se



encontram distantes dessa área, por muitas vezes acabam reafirmando essas características predeterminadas por um contexto socio-histórico.

O mundo esportivo é uma arena importante para a socialização de crianças e adolescentes em relação aos valores da prática física, valores estes que precisam ser modificados e soltos das amarras estereotipadas dos papéis sexuais, que atribuem características masculinas ou femininas a determinados esportes e atividades físicas, delimitando, de antemão, os espaços destinados aos meninos e meninas que ingressam aos milhares, todos os dias, nos clubes, centros de treinamento, academias e demais espaços para a prática de atividades físicas e esportivas. (Devide, 2005, p.64).

Quando o assunto é estereótipo no esporte brasileiro, é comum o surgimento de debates em torno do que é ou não considerado “esporte para mulher”. Segundo Devidé (2005, p.29), ainda existem estereótipos em várias modalidades esportivas, a exemplo do futebol e da dança, havendo uma mudança na participação das mulheres no esporte de acordo com o tempo e com as transformações religiosas, das tradições e culturais de determinados meios sociais. Para Fernandes (2016, p.27), com o objetivo de excluir as mulheres do meio esportivo, a dúvida da competência para a realização das habilidades necessárias para as práticas é usada como justificativa, mas embora as dificuldades, impedimentos e preconceitos sejam grandes, a participação ativa das mulheres no esporte vem aumentando. Nesse mesmo sentido, podemos ressaltar a seguinte afirmação:

Ainda hoje as desigualdades entre homens e mulheres permanecem como uma questão necessária ao debate. Essas diferenças surgem com maior relevo quando nos movemos em direção à participação de homens e mulheres no esporte. Apesar da aparente igualdade na participação de ambos os sexos, as diferenças no que tange à inclusão no esporte devem ir além dos parâmetros fisiológicos. (Devide, 2005. P.27).

O espaço reservado as mulheres e aos homens no esporte ainda se mostra discrepante nas mais diversas modalidades. São lutas constantes que permeiam um contexto carregado de preconceitos e estereótipos, frutos de uma construção sociocultural de uma sociedade historicamente marcada por ideais machistas, em que a competição, o treinamento e a força são associados ao “masculino”. Com isso, no tópico a seguir serão discutidas as relações de gênero inseridas no contexto do esporte.

#### **4.2 Relações de gênero, machismo e o movimento feminista**

As construções presentes nos meios sociais se transformam de acordo com o contexto em que se inserem, porém, por carregarem muitos fatores históricos resultam em um processo lento. As práticas corporais (envolvem a utilização do corpo humano para a realização de

atividades físicas sistematizadas em um contexto social, histórico e cultural), por exemplo, passaram por diversas transformações e ressignificações, como a ginástica que saiu do contexto militar, higienista e atualmente é um esporte olímpico, pode ser usado como forma de lazer e carrega os mais diversos significados em diferentes culturas, tempos e contextos. Essa prática é marcada por diversos estereótipos, assim, a leveza dos movimentos é por muitas vezes considerada uma “característica feminina” e dessa forma a ginástica é ligada a mulheres ou homens socialmente vinculados ao gênero feminino e à homossexualidade, estereótipo que influencia diretamente numa menor adesão deles. Exemplo disso é a polaridade de sexo que pode ser percebida quando o assunto é esporte, como pode ser visto na seguinte citação:

Nas academias a autora encontrou a polaridade ginástica e musculação, a primeira visando um trabalho mais leve e aeróbico e a segunda a hipertrofia e força musculares, praticadas, em sua maioria, respectivamente por mulheres e homens. Tais atividades são escolhidas a partir de representações sobre os papéis masculino-feminino com base nos estereótipos sexuais de “homem forte” e “mulher sexo frágil”. (DEVIDE, 2005, p.34).

Esses fatores nos levam a outro tópico importante: o distanciamento das mulheres em relação a alguns esportes. No ambiente escolar, nas redes sociais, na mídia e nos mais diversos ambientes que reproduzem a cultura é comum ouvirmos a frase “futebol não é para meninas” ou “esporte não foi feito para mulheres”, e escutamos isso principalmente quando se trata de um esporte de contato. Segundo Kennard e Carter (1994), as mulheres foram historicamente descritas por olhos masculinos. Schultz (2021) afirma que o machismo é estrutural e está presente no meio esportivo, de modo a ter influência direta na reprodução de práticas opressoras, afetando diversas modalidades e atletas de forma negativa. Para Cabral (2018, p.23) “o cenário esportivo é altamente androcêntrico e tudo que confronta essa ideia, sofre, de alguma maneira, opressão, seja por meio de ridicularização ou subjugação”.

Mas afinal, por que a prática esportiva é vinculada aos homens? Além da representação anteriormente citada das mulheres como seres considerados frágeis, existe uma desvalorização do esporte praticado por mulheres. Ao entrarmos nessa discussão no meio do *cheerleading*, nos deparamos com diversas falas como: “são apenas meninas balançando pompons” ou “basta ser bonita, colocar uma roupa curta e rebolar”. Essas afirmações ressaltam uma imagem estereotipada e diretamente ligada as mulheres. De acordo com Messner (1994), as discussões feministas se inserem diretamente nas discussões de gênero no ambiente esportivo, tendo aparecido como forma de resistência a essa opressão machista. Devides (2005) afirma que o esporte se trata de uma organização firmada em ideais patriarcais e que seus contextos sociopolíticos são sexistas. Em meio a isso, surge uma luta das mulheres com o objetivo de quebrar ideais machistas construídas historicamente, como pode ser visto no trecho a seguir:

Não há espaço na sociedade atual para o machismo, o racismo, o capacitismo, a xenofobia, o etarismo, a LGBTfobia ou qualquer tipo de preconceito que estigmatize e minore grupos de pessoas com características próprias de ordem física, intelectual, social, cultural ou psicológica. (Schultz, 2021, p.75).

Para Rago (2013), a participação das mulheres no esporte foi uma ação feminista, contrariando uma imagem construída desde o século XIX, com declarações religiosas e científicas. Por meio de atos de resistência de cunho feminista a partir do século XX, as mulheres conquistaram o direito a praticar esportes, mas os embates nesse meio persistem (Camargo e Altmann, 2021). Segundo Pedro e Guedes (2010), a batalha das mulheres é contra uma cultura de ideologia machista e vai além da busca por direitos de igualdade política e econômica, é por respeito e compatibilidade de direitos.

O atual feminismo brasileiro nasce, nos anos 70, no panorama internacional que instituiu o Ano Internacional da Mulher (1975), favorável, portanto, à discussão da condição feminina e, ao mesmo tempo, no amargo contexto das ditaduras latino-americanas, que calavam, implacáveis, as vozes discordantes. O retorno a esta origem, naquele momento e naquele contexto político, nos remete à radicalidade posta na questão da mulher como uma questão fundamentalmente “conflituosa”, tanto nas relações entre o homem e a mulher, quanto em todas as relações de poder socialmente instituídas, articulando gênero e classe, como foi tantas vezes sublinhado sobre o caráter deste movimento, no Brasil. (Sarti, 2001, p.32).

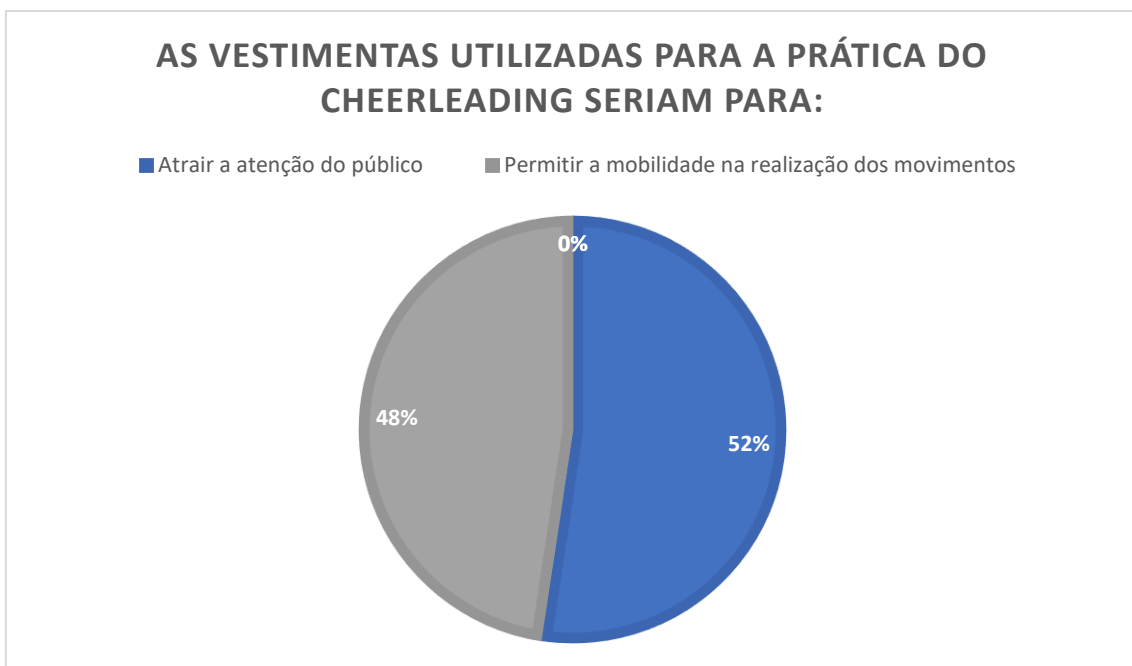
Como foi visto, apesar da luta constante com o passar dos anos, as mulheres tiveram muitas conquistas no meio esportivo. No *cheerleading* isso pode ser exemplificado pela existência de equipes *all girl*, que contam com a participação das mulheres para desempenhar todas as funções acrobáticas da modalidade esportiva. Contrariando o que muitos acreditam, as atletas desempenham também as posições de bases, sendo responsáveis por levantar as outras em elevações complexas e com elementos ginásticos, demonstrando muita força e habilidades específicas para a execução dos movimentos.

### 4.3 Vestimentas

Quando o assunto é o *cheerleading*, um aspecto relevante a ser discutido são as vestimentas utilizadas pelos (as) praticantes. O esporte é marcado pelo uso de uniformes curtos e justos, mas o fato que chama atenção é o de que essas características são atribuídas apenas às roupas usadas pelas mulheres, chamando bastante atenção aos olhos dos que não estão inseridos no contexto da prática. Por outro lado, as roupas usadas pelos homens dessa modalidade são geralmente compridas, existindo assim, uma diferenciação evidente quanto às vestimentas usadas por homens e mulheres.

No questionário proposto para a construção deste trabalho, a décima questão tinha como objetivo analisar a visão dos (as) jovens sobre as vestimentas específicas que são utilizadas para a prática do *cheerleading* (roupas de tecido maleável, justas ao corpo e normalmente curtas). Foram disponibilizadas duas alternativas para a intencionalidade das roupas: “Atrair a atenção do público”, que teve o total de 11 votantes; e “Permitir a mobilidade na realização dos movimentos”, que foi selecionada por 10 participantes, como pode ser visto no gráfico abaixo:

Figura 3 – FUNÇÃO DAS VESTIMENTAS NO CHEERLEADING



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A maioria dos alunos que responderam ao questionário considera as roupas usadas como uma forma de atrair a atenção do público. Essa ideia foi historicamente construída e, segundo Soares (2011) as vestimentas possuem caráter social e sexual através da forma que se apresentam, revelando mais ou menos o corpo, permitem incluir ou excluir pessoas, grupos ou classes. A partir disso, o esporte está inserido no contexto histórico e no socio-cultural e as vestimentas nele usadas também carregam esse peso.

Gestos e roupas especiais para a prática de exercícios físicos e esporte oscilam entre uma ideia de eficácia técnica, de moda, de pertencimento de classe, de códigos de gênero, e de valorização de aparências, ou talvez de fabricação de novas aparências. Esse conjunto composto por gestos e roupas especiais para essas práticas, em particular, alimenta todo um imaginário, faz surgir novos cenários sociais, torna-se,

assim, uma necessidade. Seria, portanto, conveniente tentar encontrar os muitos sentidos de sua aparição, aceitação, abandono, rejeição. (Soares, 2011, p.29).

De acordo com Soares (2011), no final do século XIX e início do século XX surgiram novas configurações corporais, com destaque para os corpos esbeltos, especialmente entre as mulheres e as vestimentas deixavam de esconder e passavam a mostrar mais os físicos com uma perspectiva de liberdade; segundo a autora, houve um encurtamento nas saias, aumento de decotes e do uso de shorts, transparências e tecidos leves no vestuário. Essa época representou uma grande mudança quanto aos padrões relacionados à aparência física dos indivíduos.

As formas redondas, cheias, consideradas apropriadas às mulheres por longo período são ali negadas, e o corpo feminino passa a ser associado aos valores da velocidade e das modernas máquinas, de sua nova aerodinâmica leve e angulosa, representação que faz o elogio aos corpos mais esguios, sem dúvida, marcados pelo que se veste. (Soares, 2011, p.34).

As roupas usadas para a prática dos esportes possuem suas especificidades, visando possibilitar uma melhor execução dos movimentos necessários. O *cheerleading* é uma modalidade que possui movimentos complexos e que envolvem grandes amplitudes corporais e flexibilidade, para isso as vestimentas devem ser maleáveis e permitir grande movimentação dos atletas. Contudo, junto a isso surge a o uso das roupas curtas e justas como forma de sexualização do corpo feminino. Sendo esse um conteúdo tangente ao que foi sugerido na questão citada acima, a forma como as *cheerleaders* mulheres são retratadas na mídia reflete diretamente na visão que os indivíduos não praticantes da modalidade possuem sobre as roupas utilizadas, visto que não se trata de um esporte amplamente conhecido no Brasil e o acesso a informações sobre a prática se dá normalmente por meio de filmes, séries, internet e outros veículos midiáticos.

Apesar das diversas conquistas femininas no ambiente esportivo, a problemática da sexualização das mulheres dos uniformes de diversas modalidades ainda é recorrente. No ano de 2021, durante a realização dos Jogos Olímpicos, duas situações envolvendo equipes femininas e seus uniformes se destacaram e foram alvo de várias discussões. No primeiro exemplo, jogadoras norueguesas de handebol de praia receberam uma multa por não usarem biquíni durante os jogos, elas optaram por usar shorts, cobrindo assim um pouco mais de seus corpos. No segundo exemplo e ainda nos Jogos Olímpicos (2021), atletas de ginástica da Alemanha decidiram fazer uma crítica à sexualização das mulheres no meio e competiram utilizando calças. Dito isso, percebemos que diversos esportes passam por situações

semelhantes de objetificação dos corpos das atletas. A midiáticação e uso do esporte de alto rendimento como forma de entretenimento refletem diretamente a discussão mencionada anteriormente, de que os corpos das mulheres são objetificados.

## 5 MÍDIA

O conhecimento que temos a respeito de determinado assunto se dá por meio do acesso às informações disponibilizadas e da experiência que temos com ele. No decorrer dos anos, com o desenvolvimento da tecnologia, houve o surgimento e a expansão de diversos veículos midiáticos como o rádio, jornais, televisão, revistas, sites e as redes sociais, em que são veiculados os mais diversos tipos de informações e conteúdo. Para Koivula (1999), a imprensa é a única forma de contato com eventos esportivos para a maioria das pessoas, influenciando diretamente na imagem que esses indivíduos têm sobre os esportes.

A partir dessa perspectiva, desenvolvemos a quarta questão do formulário que objetivou saber se as alunas e os alunos já haviam assistido alguma apresentação/performance de *Cheerleading* e em caso afirmativo, onde e de qual forma se deu tão contato. Foram recebidas 4 respostas de aluna/os que afirmaram não ter presenciado o *cheerleading* em nenhuma situação. Dez estudantes assistiram no ambiente escolar por meio de alguma apresentação, sete conheceram através de filmes e dois através de uma equipe da UFG (Universidade Federal de Goiás), como pode ser visto na tabela abaixo.

**Tabela 3 – ACESSO DOS ESTUDANTES AO CHEERLEADING**

<b>ONDE ASSISTIRAM A MODALIDADE</b>	<b>QUANTIDADE DE ESTUDANTES</b>
Nunca assistiram	4
Filmes	7
No colégio	10
Na UFG	2

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A partir de uma análise inicial, percebe-se a influência de filmes e da escola em relação a essa área temática na vida dos alunos. A mídia, assim como o contexto escolar e os meios de ensino e aprendizagem, são aspectos fundamentais durante a formação de um indivíduo, visto que o meio no qual ele se insere é responsável pelas possibilidades de experiências a serem vividas. Segundo Souza e Knijnik (2007), a mídia é fundamental no processo de construção de um imaginário social no contexto esportivo, transmitindo imagens positivas ou negativas dos atletas, das práticas e das relações que os permeiam; por meio dela são firmados os conceitos sobre o que significa ser homem e ser mulher.

Devide (2005) afirma que apesar da existência de muitos programas midiáticos esportivos apresentados por mulheres no Brasil, o esporte feminino ainda é visto com menor frequência quando comparado ao masculino. De acordo com estudos realizados por Souza e

Knijnik (2007), a cobertura voltada aos homens é 700% maior que a das mulheres, além da extensão e do conteúdo das reportagens desvalorizarem as realizações e habilidades femininas, dessa maneira, o esporte ainda seria um campo que evidencia as diferenças entre os gêneros e que contrapõe o feminino do masculino.

A participação das mulheres no esporte é crescente e embora tenham grandes conquistas no meio, é evidente a falta de atenção da mídia para a divulgação das atletas, fato que colabora para uma desvalorização por parte da sociedade (Toohey, 1997). Assim, é perceptível a falta de imagens femininas marcantes, que servem como grande influência no esporte. A exemplo do futebol, esporte majoritariamente masculino, a imagem da jogadora brasileira Marta surge como uma forma de quebrar estereótipos e ressaltar as habilidades das mulheres nos mais diversos esportes.

Para Messner (1994), a mídia esportiva é um meio de dominância masculina e permeado por ideais brancos, no qual as mulheres precisam se esforçar para alcançar uma legitimidade facilmente alcançada pelos homens, para ele a imprensa traz uma representação injusta das mulheres, sendo prejudicial, sexualizada e contrária aos ideais feministas. A preocupação que surge com essas representações é a de que para grande parte da sociedade, a participação feminina no esporte se resume a isso. As mulheres tendem a ser representadas desconsiderando seus atributos atléticos, sendo objetificadas e desejadas pelo público masculino (Mc'Dermott, 1996). Nesse mesmo sentido, Kolnes (1995) evidencia diferença na caracterização dos gêneros, aos homens são atribuídas qualidades relacionadas ao desempenho atlético, força e conquistas; as mulheres recebem adjetivos ligados à beleza, feminilidade e suas relações fora do contexto esportivo.

Visando compreender como o *cheerleading* é representado nos meios midiáticos e a opinião das (os) jovens a respeito disso, a pergunta de número 8 foi a seguinte: “Em relação aos filmes, séries e outros veículos da mídia que retratam a modalidade, como são representados os praticantes dessa modalidade? Você concorda com essa representação?”. Dentre as respostas foram trazidos termos como a sexualização, competitividade, uso de roupas curtas, personalidades associadas ao bullying, futilidade, arrogância, habilidades, beleza física, predominância de pessoas brancas na modalidade, em sua maioria meninas e loiras. Duas pessoas afirmaram não saber responder por não terem informações suficientes sobre a prática, duas pessoas concordam com a representação por não associar o *cheerleading* a algo diferente do que é apresentado na mídia. Os demais participantes discordam das representações anteriormente exemplificadas e trouxeram os seguintes fatores em suas respostas: o que é mostrado em tais veículos não condiz com a realidade, traz pouca



representatividade e apresenta princípios machistas. Segundo as/os estudantes, o *cheerleading* deveria ser trazido como uma prática para todos, não sendo limitado a gênero ou cor. As respostas trazidas nessa questão se relacionam diretamente com o que foi anteriormente citado, as representações da mulher praticante de Cheerleading na mídia refletem na forma como a sociedade irá enxergá-la.

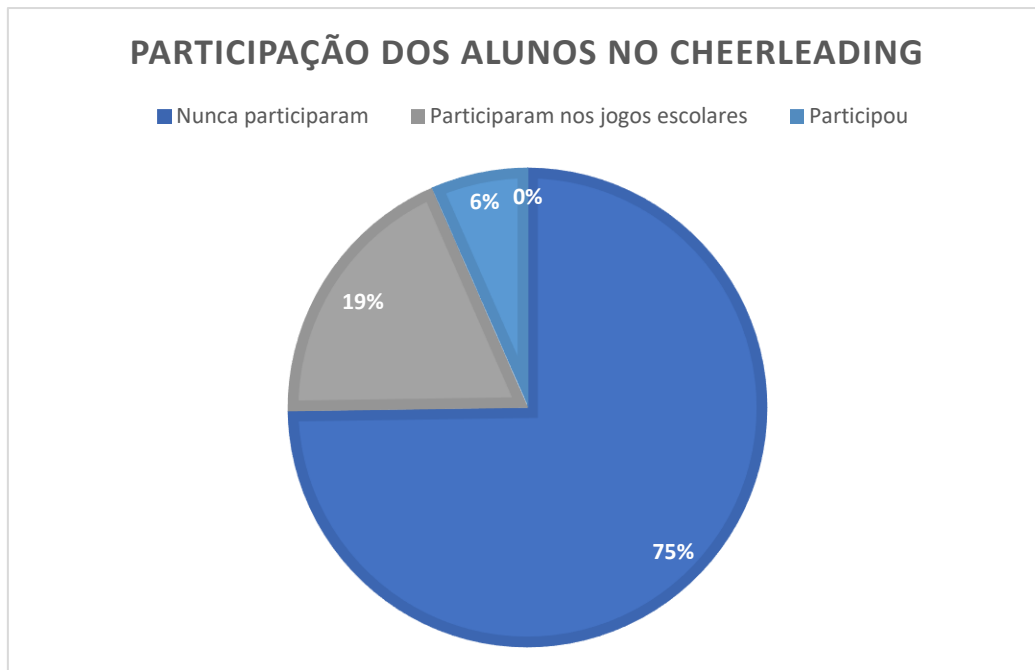
Uma das justificativas que a mídia costuma usar para essa diferença na cobertura dada entre esportes praticados por homens e por mulheres, é o fato dos consumidores de jornais e revistas e da audiência de programas esportivos na televisão serem em sua maioria homens, e preferirem notícias sobre esportes praticados por homens. Porém, um estudo realizado na televisão italiana por CAPRANICA e AVERSA (2002) mostrou que as mulheres correspondiam a 40% da audiência durante as Olimpíadas de Sydney (2000), e ainda que não havia diferença significativa na audiência durante a cobertura de esportes praticados por homens e mulheres. (Souza e Knijnik, 2007, p. 43).

A citação trazida acima evidencia uma construção histórica e social, visto que o público de mulheres que consomem o conteúdo esportivo é cada vez maior e, de acordo com Souza e Knijnik (2007), a imprensa ‘trata os sexos de forma absolutamente desigual’. Assim, a mudança na perspectiva usada pelos meios midiáticos quanto aos gêneros se faz necessária, não somente aumentando a quantidade de reportagens e materiais voltados ao esporte feminino, mas também evidenciando características relevantes e que não venham em detrimento da imagem das mulheres. Por isso, essa mudança possui caráter estrutural, envolvendo uma mudança no pensamento, para então refletir na prática.

## 6 QUAL O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA?

Buscando atender aos propósitos do questionário aplicado para a elaboração deste trabalho, na pergunta de número 5, os estudantes foram questionados se já participaram da modalidade em questão (*cheerleading*) e dentre as respostas, 16 indivíduos nunca praticaram, 4 participaram durante a realização dos jogos escolares e 1 não especificou o local onde se deu esse contato. Por meio dessa pergunta, o objetivo era compreender como se deu o acesso dos respondentes ao *cheerleading* em um momento anterior a esta pesquisa, com isso percebemos que a maioria dos participantes nunca praticou ou teve alguma experiência direta com a modalidade, fato que afasta os mesmos do contexto da prática. Tendo o percentual como referencial para a análise desta questão, vemos o seguinte gráfico:

Figura 4 – PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NO CHEERLEADING



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A partir das respostas acima citadas, percebemos que o ambiente escolar foi responsável por possibilitar o contato da maioria dos alunos (que já participaram de alguma forma da prática) com o *cheerleading*. Como já foi citado no capítulo anterior, a partir das representações trazidas pela mídia, os indivíduos constroem uma visão limitada acerca dos esportes, em contrapartida, a escola surge como uma possível fonte de aprendizado sobre o assunto, em especial, a Educação Física, que é capaz de possibilitar a vivência de vários esportes e práticas, além de trazer uma contextualização socio-histórica dos mais diversos

conteúdos. Mas afinal, o que é a Educação Física? Segundo o Coletivo de Autores (1992), a Educação Física trata-se de uma “prática pedagógica” que aborda os conteúdos da cultura corporal, que surgem a partir de “necessidades sociais concretas”.

Para Bego e Anjos (2020), a Educação Física escolar tem a capacidade de contribuir para a formação social e crítica dos estudantes, favorecendo uma inserção ética e mais consciente dos jovens no meio social, dessa forma, ela seria fundamental no processo educativo para o desenvolvimento dos indivíduos considerando não apenas o repertório motor, mas também o crítico, o social e o cultural. Segundo Borsari (1980), a Educação Física é capaz de ser tão importante quanto as outras matérias escolares através de professores que instigam a busca pelo conhecimento por meio de conteúdos, questionamentos e debates. Cabe aos (às) professores (as) utilizar as ferramentas disponíveis (o espaço, materiais e o ambiente escolar) para instruir os discentes da melhor forma possível (Bego e Anjos, 2020). Barbosa (2004) afirma que a escola prepara os alunos para viver em sociedade.

Somo seres pensantes, nascemos para criar dúvidas e solucioná-las, mas isso só se é dado com um trabalho diferenciado do professor de educação física. Já temos o título de aula mais esperada da semana por nossos alunos, por que não ser a aula mais inovadora, e construtora de conhecimentos. (Bego e Anjos, 2020, p. 20).

Apesar da importância da Educação Física Escolar, ressaltada acima, muitas vezes as aulas não são realizadas da melhor forma, daí sua desvalorização como conteúdo construída sob um contexto histórico que acaba por ocultar seus reais objetivos no processo formativo, por isso, a necessidade de um planejamento estruturado das aulas e com uma sistematização dos conteúdos de acordo com os objetivos previamente estabelecidos (Bego e Anjos, 2020). Com isso, no decorrer dos anos, surgiram diversas perspectivas pedagógicas que buscaram estruturar/facilitar a organização do ensino escolar, dentre elas, a perspectiva crítico-superadora, na qual, segundo o Coletivo de Autores (1992), a escola deve realizar uma seleção dos conteúdos a serem trabalhados de forma a abranger assuntos que possibilitam uma associação com a realidade por meio da problematização e questionamentos que instiguem o aprendizado científico, relacionado ao contexto socio-histórico da cultura corporal, fato que não implica doutrinação, mas sim uma orientação voltada a um desenvolvimento crítico. Possibilita também discussões das temáticas mencionadas no trabalho como a objetificação da mulher, questões relacionadas a gênero e sexualidade, preconceito, etc.

Tratar desse sentido/significado abrange a compreensão das relações de interdependência que jogo, esporte, ginástica e dança, ou outros temas que venham a

compor um programa de Educação Física, têm com os grandes problemas sócio-políticos atuais como: ecologia, papéis sexuais, saúde pública, relações sociais do trabalho, preconceitos sociais, raciais, da deficiência, da velhice, distribuição do solo urbano, distribuição da renda, dívida externa e outros. (Coletivo de Autores, 1992, p. 42).

O Coletivo de Autores (1992) afirma que na pedagogia crítico-superadora, a aula deve ser fruto de uma organização que objetiva o aprendizado voltado para um despertar crítico dos (as) estudantes diante dos conteúdos que permeiam sua realidade social, isso deve ocorrer a partir da mediação do professor e tendo como linguagem, a expressão corporal.

A aula, nesse sentido, aproxima o aluno da percepção da totalidade das suas atividades, uma vez que lhe permite articular uma ação (o que faz), com o pensamento sobre ela (o que pensa) e com o sentido que dela tem (o que sente). (Coletivo de Autores, 1992, p. 62-63).

De volta ao formulário aplicado para a construção deste trabalho, na sexta pergunta, os participantes foram questionados se caso tivessem a oportunidade, participariam da modalidade analisada. Dentre os 21 respondentes, 11 afirmaram não ter interesse em conhecer ou participar (sendo 3 mulheres e 8 homens), os demais (7 mulheres e 3 homens), participariam por ser algo atrativo, pela experiência de conhecer uma nova prática, ou até mesmo por ser algo que já despertava curiosidade. Ao analisar os dados, percebemos um maior interesse de participação das mulheres em relação ao *cheerleading*, dentre os possíveis fatores para essa diferença podemos citar o fato de que a representação do esporte na mídia contribui para uma visão limitada de sua organização, sendo retratado com frequência como um esporte praticado apenas por mulheres, além de muitas vezes atribuir características femininas aos homens praticantes, desfavorecendo a aproximação de homens que ainda não conhecem bem a modalidade. Para Silva e Bracht (2012), em contraposição aos (às) professores (as) conhecidos como “rola bola”, os (as) docentes que buscam inovar na forma como as aulas são ministradas enfrentam diariamente desafios, sendo o contexto do ambiente escolar uma peça fundamental para favorecer ou desfavorecer as práticas pedagógicas. Dessa maneira, a busca por instigar a curiosidade dos estudantes para a construção de um aprendizado sistematizado se faz necessária, considerando os limites da formação dos professores e professoras.

Os professores cuja prática pode ser caracterizada como “professor rola bola” e/ou como “pedagogia da sombra”, geralmente não apresentam pretensão maior do que ocupar seus alunos com alguma atividade (desinvestimento pedagógico), com frequência se convertem em administradores de material didático. Por vezes, assumem uma postura de recreacionista ou compensadora do tédio produzido nas

outras disciplinas (como matemática ou português). Esse fenômeno tem sido frequentemente entendido como um problema individual, apenas do sujeito, contudo avolumam-se os estudos que entendem ser imprescindível tentar compreender o mesmo também, como um produto da cultura escolar. (Silva e Bracht, 2012, p. 82).

A busca por inovações na Educação Física Escolar traz princípios como abordar conteúdos de áreas temáticas além dos esportes tradicionais a partir de uma contextualização teórica associada à prática, alterar a forma como os temas são discutidos, flexibilizar as formas de construção das avaliações de modo a permitir maior participação dos alunos no processo, interligar a disciplina de maneira direta ao projeto pedagógico da escola, além de trabalhar a criatividade para provocar motivação nos estudantes de modo a facilitar a execução do que foi planejado Silva e Bracht (2012). A partir disso, sendo o *cheerleading* uma modalidade que não compõe o grupo seletivo dos esportes que historicamente fazem parte da grade de conteúdos abordados no ambiente escolar, a inovação é peça fundamental para sua inserção nesse meio. De acordo com Nascimento e Ataliba (2019), o *cheerleading* é uma prática corporal em sua essência, se relacionando diretamente a representações e aprendizados do movimento. Assim, essa modalidade integra a cultura corporal como conteúdo.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da utilização do formulário proposto para o presente estudo, era esperado o surgimento de diversos termos relacionados à imagem dos praticantes de *cheerleading*, em especial, das mulheres. Estereótipos, relações de gênero, machismo, feminismo e mídia foram algumas das áreas temáticas importantes a serem aqui discutidas. A divisão deste trabalho em capítulos não implica uma divisão prática dos assuntos, visto que no contexto histórico e social, eles estão interligados. Como foi visto anteriormente, o reconhecimento do *cheerleading* como esporte, se relaciona diretamente com a imagem estereotipada trazida pela mídia através de seus diversos veículos, imagem esta que é diretamente ligada a ideais machistas construídos e mantidos historicamente.

Por meio da pesquisa realizada com as turmas de terceiro ano do Ensino Médio do CEPAE-UFG, o objetivo era perceber a visão dos (as) jovens sobre a modalidade em questão. Com a análise das respostas obtidas, podemos concluir que os indivíduos são um reflexo dos aprendizados e de suas relações críticas a respeito deles. A exemplo do esporte, a criticidade implica uma busca ampliada por conhecimento e representações do mesmo conteúdo, não compreendendo os estereótipos como verdade absoluta e buscando compreender a realidade da prática. A dificuldade no acesso a informações pode ser um fator que dificulta o contato das pessoas com determinados tipos de conteúdo, em especial os esportes normalmente protagonizados por mulheres, já que a mídia não favorece sua cobertura.

Com isso, percebemos a importância da Educação Física no ambiente escolar, ao tratar de temas da cultura corporal, ela é capaz de promover uma criticidade na formação do indivíduo para conviver no meio no qual ele está inserido. Ela é fundamental no processo de desenvolvimento humano, por isso a importância da seleção dos conteúdos a serem trabalhados, é necessário que seja feita uma desassociação da imagem descredibilizada da Educação Física, por meio da inovação da forma como ela é trazida para as escolas. Por muitos anos a disciplina foi (e por muitas vezes ainda é) ligada aos esportes tradicionais, com o foco na execução dos movimentos, em contraposição a isso, surge a necessidade da valorização da Educação Física, mostrando que ela é muito mais do que apenas “jogar bola”.

## 8 REFERÊNCIAS

AURÉLIO, Renato Pereira; DE OLIVEIRA, Vanessa Junca Corsino. INFLUÊNCIAS DA MÍDIA PARA O PADRÃO DE BELEZA FEMININO. In: **Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre**.

BEGO, Gabriel Alecrim; DOS ANJOS, Jeferson Roberto Collevatti. A importância da Educação Física Escolar Para a Formação do Indivíduo na Sociedade. **Revista Saúde UniToledo**, v. 4, n. 1, 2020.

BORGES, Letícia Mendes. Cheerleading na Universidade Federal de Uberlândia: ascensão e fatores motivacionais dos atletas. 2019. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

CABRAL, Vitória Teixeira et al. Gênero e esporte: Análise de reportagens sobre a participação de mulheres nos jogos olímpicos do Rio de Janeiro. 2018.

CAMARGO, Wagner Xavier de; ALTMANN; Helena. “Deslocamentos políticos e de gênero no esporte”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 2, e80215, 2021.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos Jogos Olímpicos modernos**. Ijuí: Unijuí, 2005.

FERNANDES, Yasmin Emanuelle. Preconceito e diferença de gênero no âmbito esportivo. 2016. 41 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado -Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/155677>>.

Melo, Gislane Ferreira de, Giavoni, Adriana e Tróccoli, Bartholomeu Torres Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online]. 2004, v. 20, n. 3 [Acessado 5 de agosto de 2022], pp. 251-256. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000300006>>. Epub 18 Fev 2005. ISSN 1806-3446. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000300006>.

NASCIMENTO, Arthur Felipe Freire; ATALIBA, Renan Matheus da Silva. O aprendizado do cheerleading por meio da prática. 2019. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) —Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

PEDRO, Claudia Bragança; GUEDES, Olegna de Souza. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. **Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**, p. 1-10, 2010.

PINTO, Naiara Moura. CORPOS DA MODA: MÍDIA E PADRÃO DE BELEZA.

Sarti, Cynthia A. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. *Cadernos Pagu* [online]. 2001, n. 16 [Acessado 6 de agosto de 2022], pp. 31-48. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100003>>. Epub 11 Mar 2009. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100003>.

SCHULTZ, M. . Machismo: toxina que degrada o meio esportivo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 35, n. Especial, p. 71-76, 2021. DOI: 10.11606/issn.1981-4690.v35inespp71-76. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/187907>. Acesso em: 12 ago. 2022.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Nova Iorque, 1989.

SILVA, M. S.; BRACHT, V. NA PISTA DE PRÁTICAS E PROFESSORES INOVADORES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. **Kinesis**, [S. l.], v. 30, n. 1, 2012. DOI: 10.5902/010283085718. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/5718>. Acesso em: 9 ago. 2022.

SOARES, Carmen Lúcia. **As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)**. Campinas: Autores associados, 2011.

SOUZA, J. S. S.; KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 35-48, 2007. DOI: 10.1590/S1807-55092007000100004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16642>. Acesso em: 12 ago. 2022.

Souza, Maria Thereza Oliveira, Capraro, André Mendes e Jensen, Larissa "Olhos masculinos nascidos para a contemplação do belo": a relação entre esporte e mulher na crônica esportiva brasileira. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* [online]. 2017, v. 39, n. 4 [Acessado 12 de julho de 2022], pp. 355-361. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.rbce.2017.09.001>>. ISSN 2179-3255. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2017.09.001>.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. 2010.



## 9 APÊNDICE (QUESTIONÁRIO)

- 1- Sexo
  - Mulher;
  - Homem.
  
- 2- Qual sua idade?
  - 16 anos;
  - 17 anos;
  - 18 anos;
  - Acima de 18 anos.
  
- 3- O que vem a sua cabeça quando escuta os termos “*cheerleading*” e “líder de torcida”?
  
- 4- Você já assistiu essa modalidade? Caso a resposta seja positiva, onde?
  
- 5- Você já participou dessa modalidade?
  
- 6- Se tivesse a oportunidade de conhecer a modalidade, você participaria de uma equipe seja em projeto de extensão na escola ou equipe de treinamento? Justifique.
  
- 7- A partir do que você conhece do *cheerleading*, descreva o perfil dos praticantes da modalidade.
  
- 8- Em relação aos filmes, séries e outros veículos da mídia que retratam a modalidade, como são representados os praticantes dessa modalidade? Você concorda com essa representação?”
  
- 9- Você acredita que o *cheerleading* se trata de uma modalidade mista (praticada por homens e mulheres)?
  
- 10- Sabendo que as roupas utilizadas pelas meninas na prática são geralmente roupas justas e curtas, você acredita que são necessárias para:
  - Permitir a mobilidade na realização dos movimentos;
  - Atrair a atenção do público.